

DO GESTO DA LEITURA AO PERCURSO DA ESCRITA: LEITORAS E ESCRITORAS NO CONVENTO CARMELITA DE STO. ALBERTO (LISBOA, SÉCULO XVII)

ROSA MARIA SÁNCHEZ SÁNCHEZ*

Resumo: Os Catálogos Pombalinos são a chave de acesso às livrarias conventuais, neste caso, ao acervo das Carmelitas Descalças de Sto. Alberto (Lisboa), entre cujos claustros, o gesto da leitura era praticado regularmente, quer em comunidade quer em solidão. A presente comunicação pretende analisar de que forma este gesto devoto poderá ter inspirado algumas religiosas a seguir o percurso da escrita. Para tal consideramos também as protagonistas de algumas dessas leituras, também escritoras, e que poderão ter funcionado como catalisadores. Poderemos deste modo mostrar como a imitação de figuras modelares passa pela transferência de gestos e comportamentos, entre os quais se contariam, em contexto carmelita, os de ler e escrever.

Palavras-chave: *Leitura; Escrita feminina; Conventos carmelitas.*

Abstract: *The Pombaline Catalogs are the key to access to the convent libraries, in this case, the collection of the Discalced Carmelites of Saint Albert (Lisbon), between whose cloisters the gesture of reading was practiced regularly, both in community and in solitude. The purpose of this communication is to analyze how this devout gesture may have inspired some women religious to follow the path of writing. For this, we also consider the protagonists of some of these readings, also the writers and who could have functioned as catalysts. In this way, we can show how the imitation of model figures passes through the transference of gestures and behaviors, among which, in a Carmelite context, those of reading and writing would be counted.*

Keywords: *Reading; Female writing; Carmelite convents.*

A fundação do Convento das Carmelitas Descalças de Sto. Alberto — primeiro carmelito feminino reformado em Portugal — pode ser considerada uma concretização póstuma de Santa Teresa, materializada em 1585, apenas três anos após a sua morte. Cumpria-se assim um antigo desejo da Santa, manifestado repetidas vezes na correspondência mantida com Maria de São José Salazar, fundadora e primeira priora deste convento lisboeta: «Mas que sería si se hace lo de Portugal! [...]. Por cierto, para mí sería harto contento»¹.

A figura desta escritora toledana resulta de extrema importância, na medida em que mantinha uma estreita e profunda amizade com a Reformadora, sustentada por uma admiração mútua e uma estreita partilha de ideais a níveis espirituais bastante profundos, manifes-

* CITCEM/UP; FCT.

¹ TERESA DE JESUS, 1986: 1280, carta 333.

tada na profusa correspondência que ambas as religiosas trocaram, assim como nos gestos que as duas praticaram assiduamente: oração, leitura, escrita. Foi através deles que absorveram e transmitiram para a posteridade a essência do teresianismo. Segundo o P. Daniel de Pablo Maroto é neste clima de profunda relação de amor que se descobre o sustentáculo mais profundo do humanismo cristão, vivido em clave feminina². A própria Santa a considerou sempre como indiscutível herdeira direta do espírito teresiano. Assim sendo, durante as primeiras décadas de funcionamento, Sto. Alberto, beneficiou da influência e do carisma de Maria Salazar, desenvolvido num clima de grande autenticidade teresiana, com o espírito da Fundadora ainda muito presente entre as religiosas e sustentado, entre outras coisas, pela prática regular do gesto da leitura e, em alguns casos, como veremos, também da escrita.

Como é sabido, a leitura foi um dos gestos praticados com maior assiduidade por Santa Teresa, desde os primeiros anos de juventude, embora não tenha começado da melhor maneira — como ela própria lamentava — mostrando, no início, um gosto exacerbado pelos livros de cavalaria. Porém, a partir do momento que entrou em contacto com o *Tercer abecedário*, de Francisco de Osuna (O.F.M.), a sua formação literária enveredaria por caminhos substancialmente diferentes. Anos mais tarde, quando a obediência a obrigou a seguir um percurso na escrita, ela própria recomendava às suas filhas a leitura de «buenos libros»³, sempre na convicção da importância que as letras tinham e do poder que estava inerente ao seu conhecimento.

As diversas investigações desenvolvidas durante os últimos anos em torno da história do edifício de Sto. Alberto permitiram constatar a existência de uma pequena livraria, situada no coro alto da capela, cuja manutenção terá estado a cargo da vigária do coro⁴. A chave que permite aceder ao seu conteúdo é um Catálogo Pombalino⁵ conservado na Biblioteca Nacional de Portugal⁶, elaborado em 1769 no cumprimento do edital de 10 de junho da Real Mesa Censória, na sequência da aplicação dos novos mecanismos censores definidos por Marquês de Pombal. Este documento dá conta da existência de 558 espécies bibliográficas, distribuídas em quatro áreas de conhecimento: Teologia, Jurisprudência, História e Belas Letras, com ausência das áreas de Filosofia, Medicina e Matemática. Esta distribuição corresponde ao paradigma de organização das sete classes, proposto por Gabriel Naudé em 1627, na sua obra de referência *Advis pour Dresser une Bibliothèque*, que terá servido de inspiração à Real Mesa aquando da redação do edital. Trata-se de uma livraria fundamentalmente teológica, com 374 títulos nesta categoria, isto é, três quartas partes do total do espólio.

A maioria dos títulos recomendados pela Fundadora nas suas *Constituciones* faziam parte deste conjunto bibliográfico, incluindo seis edições distintas das obras da própria. *Cartuxanos*, *Flos Sanctorum*, *Oratório de religiosas*, a biografia e algumas obras de Fr. Pedro de

² PABLO MAROTO, 2004: 222-223.

³ *Constituciones*, II, 7 in TERESA DE JESUS, 1986.

⁴ MARTINS, 2014: 31, 37, Anexos.

⁵ Utilizamos a classificação proposta por Luana Giurgevich e Henrique Leitão no *Clavis Bibliothecarum*, 2013: 170-183.

⁶ *Catalogo dos livros que há no convento* [...].

Alcântara, assim como seis edições de *Contemptus Mundi* e oito volumes das obras de Fr. Luís de Granada terão sido alguns dos livros mais lidos pelas religiosas de Sto. Alberto. Não deixa de ser significativo o pequeno formato em que se apresentavam todas estas espécies (4.º e 8.º), o que os tornava facilmente transportáveis. Este facto remete para alguns dos gestos suplementares inerentes ao exercício da leitura: a guarda, a posse, o transporte e o manuseamento dos livros, neste último caso, facilitado pela escassa envergadura dos respetivos exemplares, permitindo à religiosa usufruir do seu conteúdo no recolhimento da sua cela ou de alguma das pequenas ermidas que existiam nos terrenos conventuais. Celas e ermidas que, a julgar pelas descrições documentais⁷, eram extremamente exíguas, não permitindo, em alguns casos, ficar de pé. Assim sendo, a prática da leitura teria lugar em posição sentada ou de joelhos, em posição orante, envolvidas pelo silêncio quase absoluto proporcionado pela localização geográfica do cenóbio, sobranceiro ao rio Tejo e à zona portuária da capital do reino, implantado junto à chamada Rocha do Conde de Óbidos.

Outro gesto implícito à leitura é a escolha dessas leituras. Que liam estas mulheres? Aquelas religiosas que se encontrassem no início da sua vida consagrada ou aquelas que enfrentassem dificuldades no cumprimento da estrita observância estavam sujeitas, como é óbvio, às recomendações literárias sugeridas pelas respetivas mestres de noviças, de modo a poder orientar da melhor forma possível a evolução espiritual de cada uma das jovens carmelitas, evitando textos cuja complexidade pudesse vir a causar uma receção deturpada do conteúdo. Por sua vez, as mais avantajadas e fortalecidas na prática das virtudes teriam maior liberdade para selecionar as leituras, entre as quais não faltariam, certamente, as recomendadas pela Fundadora. Existem fortes probabilidades de que a maioria das religiosas que habitaram em Sto. Alberto tenham lido, pelo menos uma vez, a biografia e as obras de Santa Teresa. Terá sido com as mesmas probabilidades em português e em castelhano, ao menos durante as primeiras décadas da vida ativa do cenóbio, em pleno governo filipino, onde a diglossia literária era algo comum e onde a proporção de religiosas de origem portuguesa era quase idêntica à das religiosas espanholas. Neste ponto devemos chamar a atenção para a importância do ato da escolha daquilo que vai ser lido, um gesto mental, emocional, mas sobretudo, espiritual, motivado pela crença na mensagem que as palavras transmitem e numa fé convicta na autoridade de quem as escreveu. Isto, aplicado ao caso particular do Carmelo Descalço desemboca diretamente na crença na doutrina e no modo de vida teresianos que, desde o início, adotaram uma gestualidade muito particular, associada ao exercício constante da oração e à prática regular da leitura e da escrita.

Uma outra forma de leitura era a praticada em voz alta, para a comunidade. Crónicas da Ordem, narrativas históricas, cartas pastorais e hagiografias, a maioria delas em volumes de grande formato, terão sido lidas à comunidade durante os momentos passados no refeitório. Neste caso, as religiosas ouviam ler enquanto estavam sentadas à volta da mesa, na envolvên-

⁷ *Catalogo dos livros que há no convento [...]*.

cia do ruído de fundo proporcionado pelos gestos físicos inerentes à celebração de toda refeição: o ruído dos talheres nos pratos, a água enchendo os copos, a mastigação, no caso das religiosas com deficiências dentárias e, até, alguns arrotos involuntários. Toda uma polifonia gestual material que decorria em paralelo com a polifonia imaterial que cada uma das religiosas — se estivesse atenta — construía na sua mente e no seu espírito como consequência do conteúdo da leitura, interrompida regularmente pelo ruído subtil da viragem de página. No caso particular das carmelitas descalças da Reforma Teresiana devemos referir ainda uma outra particularidade. Em muitos casos, o tempo da refeição, por ser o momento que congrega toda a comunidade, servia para pôr em prática alguns dos castigos recebidos por aquelas religiosas que tivessem incorrido em falta. Castigos esses que consistiam em permanecerem debruçadas no chão, com os braços em cruz, como forma de humilhação pública destinada a incentivar a humildade e o arrependimento. Uma outra forma, dramática, de ouvir ler.

Santa Teresa nunca discriminou as candidatas analfabetas, porém preferia aquelas que soubessem ler. Precisava delas para as leituras litúrgicas, do qual se depreende que também as destinasse às leituras da comunidade. Assim sendo, estas leituras estariam condicionadas pelo grau de instrução da leitora o que, por sua vez, condicionaria também o ritmo, a velocidade e a entoação dessas leituras. Será que estes gestos, ler e ouvir ler terão contribuído de algum modo para incentivar nas religiosas percursos de escrita?

Sonja Herpoel, num excelente trabalho publicado em 1999, dedicado às religiosas que seguiram o percurso da escrita autobiográfica por obediência, chama a atenção para o facto de serem carmelitas a maioria das autoras deste tipo de escritos conhecidos até hoje e elaborados durante o século XVII⁸, o que constitui um dado bastante significativo. É particularmente entre as carmelitas descalças que encontramos um maior número de escritoras. Escrever, para muitas delas, era um gesto quase natural e espontâneo, motivado pelo impulso de querer imitar a Fundadora. Prova disso são as poesias e «coplas» que intercambiavam regularmente entre conventos⁹. Um gesto praticado e encorajado pela própria Santa. Certamente, a maior parte das religiosas também escreveria cartas, necessárias para tratar assuntos familiares ou administrativos. Em menor número (embora maior do que se poderia pensar) seriam aquelas que elaboravam textos de maior envergadura, autobiográficos, biográficos ou didáticos, porque requeriam um maior nível de instrução. Por sua vez, é possível que, do mesmo modo que iam indistintamente em português ou em castelhano, também escrevessem nestas duas línguas, como foi o caso de Maria de São José Salazar.

Tendo em conta todas estas considerações não seria de estranhar encontrar em Sto. Alberto provas da prática da escrita entre as suas ocupantes, a começar pelo exemplo que acabamos de citar: Maria Salazar, cuja notável produção literária foi escrita inteiramente em Lisboa — com exceção de um pequeno conjunto de poemas de juventude — entre 1585 e 1602.

⁸ HERPOEL, 1999: 42.

⁹ A este respeito veja-se: *Libro de romances y coplas del carmelito de Valladolid (c. 1590-1609)*. Edición, introducción y notas de Víctor García de la Concha y Ana María Álvarez Pellitero. Burgos: Consejo General de Castilla y León, 1982.

Os seus escritos, que felizmente já têm sido alvo de um número significativo de estudos, embora ainda parcelares, revelam uma mulher inteligente, de grande talento e engenho, com um raciocínio apurado, cultivada nas letras profanas, mas com um profundo conhecimento das Sagradas Escrituras. Uma das grandes místicas nas origens da Reforma Teresiana, na opinião do P. Daniel de Pablo Maroto¹⁰. A obra de Maria Salazar evidencia uma grande força expressiva, assim como uma considerável profundidade religiosa, de maneira especial quando se debruça sobre o antagonismo entre as duas grandes forças: Deus e a contraofensiva da razão, por um lado, e as insídias do demónio, por outro. O carácter autobiográfico é transversal a toda a obra desta notável carmelita, quer na sua produção poética quer nas obras de conteúdo histórico ou nos escritos de teor didático-doutrinal, aparecendo em alguns deles como protagonista, com nome fictício. Encontramos também inúmeros aspetos e considerações fomentadoras da reflexão em torno da condição das mulheres na sociedade do seu tempo. Em Maria Salazar convergem de modo bastante marcante a crença e o gesto. A crença em Deus, na sua vocação inabalável como religiosa e na Ordem onde professou, mas sobretudo uma fé incomensurável na doutrina teresiana, da qual foi convicta defensora e persistente divulgadora. Para tal, a escrita e toda a gestualidade que a envolve foram gestos intelectuais e ao mesmo tempo espirituais, que em Maria Salazar adquiriram com o tempo um fortíssimo carácter reivindicativo do modo de ser e estar teresiano.

O P. David do Coração de Jesus confirma a presença em Sto. Alberto, em 1608, da madre Ludovica de Jesus, autora de *Instrução de noviças*, o que indica que esta religiosa poderá ter desempenhado em algum momento a função de mestre de noviças, escrevendo este pequeno tratado com o intuito de orientar as suas futuras sucessoras. Também foi autora de uma biografia, dedicada a uma das suas companheiras de claustro: Inês de Sto. Eliseu, uma das quatro primeiras fundadoras do convento lisboeta, também ela discípula direta da Fundadora. Até ao momento não nos foi possível localizar a obra desta carmelita, porque o P. David, na sua obra *A reforma teresiana em Portugal*, não nos fornece qualquer referência arquivística, limitando-se apenas a publicar uma listagem de nomes de autores e autoras carmelitas, com indicação dos títulos das suas respetivas obras¹¹. Terão sido impressas? Ou circularam apenas manuscritas? Faziam parte dos 42 manuscritos inventariados aquando da extinção definitiva do convento?

Em 1630 habitava em Sto. Alberto uma outra escritora cujo nome permanece no anonimato — embora se saiba que era natural de Villacastin — autora de uma *Relação compendiada da vida e virtudes da venerável Arcângela de São Miguel*. A biografada, natural de Umbrrete (Sanlucar de Barrameda) chegou a Lisboa com o segundo grupo de fundadoras, procedente de Sevilha¹². Também não foi possível até ao momento localizar os escritos desta autora. Tanto esta última como Ludovica de Jesus foram autoras de obras de carácter biográfico. Um facto que

¹⁰ PABLO MAROTO, 2004: 221.

¹¹ CORAÇÃO DE JESUS, 1962: anexos.

¹² CORAÇÃO DE JESUS, 1962: anexos.

vem acrescentar ao gesto físico da escrita propriamente dita, o gesto psicológico da escolha do tema sobre o qual a autora se irá debruçar em determinado momento. Neste caso, a opção foi biografar as respetivas companheiras de claustro, inspiradas, por um lado, pela personalidade e pelo comportamento da biografada; por outro lado, pela leitura assídua ou regular de obras exemplares dedicadas a narrar a vida de santos e mártires. O género hagiográfico forma um dos grupos mais nutridos da livraria de Sto. Alberto, com 74 biografias, 16 delas dedicadas a figuras femininas, a maioria carmelitas, incluindo, claro está, a biografia da Fundadora.

O cronista português Fr. João do Sacramento dá conta da presença neste convento lisboeta, em 1633, da também toledana soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita, 1592-1642), que nessa altura desempenhava funções de priora¹³. As fontes até agora consultadas são algo ambíguas e pouco conclusivas, no entanto, tudo indica que poderá tratar-se da autora de um extraordinário conjunto de escritos, formado por uma autobiografia, relativamente breve, e três extensos comentários a outros tantos textos bíblicos, também com carácter autobiográfico: *Tratado de una Breve Relación de su vida, que cuenta una monja descalza*; *Comentarios sobre algunos pasajes de la Sagrada Escritura*; *Explicación a lo místico de los trenos de Jeremías*; *Segundos comentarios sobre pasajes de la Sagrada Escritura*. O manuscrito completo e encadernado conserva-se na Biblioteca Nacional de España¹⁴ em excelente estado. A obra desta notável carmelita evidencia um nível cultural muito superior ao que era habitual numa jovem da sua época, com um profundo conhecimento das Sagradas Escrituras e um notável domínio do latim. Em 1921, Manuel Serrano y Sanz transcreveu e publicou estas obras tendo caído depois no esquecimento por razões que agora não nos interessa desenvolver. Soror Teresa adotou o nome da Fundadora devido à grande veneração que sentia por ela, como a própria nos revela na sua autobiografia¹⁵. De facto, à medida que lemos esses escritos apercebemo-nos dessa veneração, assim como do profundo respeito que sentia em relação à doutrina teresiana. Soror Teresa retoma as ideias da Santa fundamentando-as sobre exemplos bíblicos perfeitamente sequenciados, conferindo ao texto uma admirável coesão e coerência textuais. Ao longo de toda a obra desta notável e esquecida carmelita parece haver uma intenção clarificadora e legitimadora, não só da doutrina teresiana, mas também do grau de correspondência que Maria Pineda estabelece com ela. Os textos evidenciam um profundo conhecimento da obra da Fundadora e de algumas das leituras que foram fundamentais para ela, nomeadamente, o *Tercer abecedário*, de Francisco de Osuna, bastante presente ao longo dos seus escritos.

Com o exemplo que até aqui foi sucintamente esboçado pretendemos chamar a atenção para a diversidade gestual implícita no âmbito específico da leitura e da escrita em ambiente claustral. Esta diversidade tem início no espaço da livraria, considerada aqui como lugar de culto, onde guardar e conservar os livros constituem gestos de carácter prático, necessários para

¹³ SACRAMENTO, 1721: V, 422, parágrafo 587.

¹⁴ TERESA DE JESUS MARIA, [c. 1640].

¹⁵ TERESA DE JESUS MARIA, 1921: 9.

possibilitar a utilização dos mesmos para a sua leitura. O gesto da leitura, por sua vez, implica uma gestualidade binária: a primeira, de caráter material, com gestos como o transporte e a posse do livro, o passar da página (talvez humedecendo o dedo indicador) e o marcar a página onde se suspendeu momentaneamente a leitura; a segunda, de caráter imaterial, com gestos psicológicos e espirituais, como a escolha do que se vai ler, o momento e o lugar para a leitura e, mais importante ainda, a disposição psicológica e espiritual para uma adequada receção do texto. O mesmo acontece com a escrita, cuja textualidade se desdobra numa série de gestos materiais, de caráter mais prático, nomeadamente, sentar na cadeira, preparar o papel e a tinta e proceder à composição das respetivas frases, com o conseqüente ruído ritmado provocado pela pena em contato com a folha; e gestos imateriais: a escolha do tema sobre o qual se irá escrever, a abordagem, o género, a extensão, o caráter, tudo condicionado pelas influências mais ou menos conscientes recebidas pela autora através das suas próprias leituras. Consequentemente, as zonas de interseção a que dão lugar os âmbitos *livraria*, *leitura*, *escrita* acabam por constituir zonas de intermedialidade gestual que, no caso específico que aqui nos ocupa, apresenta um grau maior de incidência nas suas vertentes imateriais, isto é, nas suas vertentes espiritual e psicológica.

BIBLIOGRAFIA

- ALBAR MARÍN, Lázaro (1998). *El Maestro Interior. Vivir Guiados por el Espíritu*. Málaga: Editorial Manantial de Comunicaciones.
- BARATA, Paulo (2003). *Os Livros e o Liberalismo. Da Livraria Conventual à Biblioteca Pública*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- CATALOGO dos livros que há no convento das Religiozas Carmelitas Descalças de S. Alberto nesta cid. De Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal. BNP. Mss 2, n.º 3.
- CORAÇÃO DE JESUS, David do (1962). *A Reforma Teresiana em Portugal*. Lisboa: Escolas Profissionais Salesianas.
- GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique (2016). *Clavis Bibliothecarum*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja. (Coleção Fontes para o estudo dos Bens Culturais da Igreja; 1).
- HERPOEL, Sonja (1999). *A la zaga de Santa Teresa. Autobiografias por mandato*. Amsterdam: Rodopi.
- LIBRO de romances y coplas del carmelo de Valladolid (c. 1590-1609). Edición, introducción y notas de Víctor García de la Concha y Ana María Álvarez Pellitero. Burgos: Consejo General de Castilla y León, 1982.
- MARTINS, Henrique Manuel Pereira (2014). *O Museu Nacional de Arte Antiga, o edifício e a sua história: contributo para um projecto de comunicação*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- NAUDÉ, Gabriel (1627). *Advis pour Dresser une Bibliothèque*. Paris: chez François Targa.
- PABLO MAROTO, Daniel de (2004). *María de San José (Salazar), heredera del espíritu de Santa Teresa y escritora de espiritualidad*. «Revista de Espiritualidad». 63, 213-250.
- RELAÇÃO dos livros e manuscritos recolhidos na Inspecção-Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, 1887-1908. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal. BNP. BN/AC/INC/DLEC/Cx09 — 01-St.º Alberto, Lisboa, Inventário 41.

- SACRAMENTO, João (1721). *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas*. Lisboa: Na Officina Ferreyrenciana, vol. V.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Rosa Maria (2019). *Cartas de Amor e de Guerra: as escritoras dos Carmelitas Descalços de Sto. Alberto (Lisboa, séc. XVII)*. In *Atas do Congresso Internacional Mariana Alcoforado*. Lisboa: Canto Redondo; Beja: Câmara Municipal de Beja, pp. 55-61.
- SERRANO Y SANZ, Manuel (1903). *Apuntes para una biblioteca de escritoras españolas desde el año 1401 al 1833*. Madrid: Establecimiento tipográfico «Sucesores de Ribadeneyra».
- TERESA DE JESUS MARIA, Soror [c. 1640]. *Tratado de una Breve Relación de su vida, que cuenta una monja descalza*. Biblioteca Nacional de España, Madrid, España. Mss. 8482.
- TERESA DE JESUS MARIA, Soror (1921). *Las Obras de la Sublime Escritora del Amor Divino [...]*. Estudio critico de Manuel Serrano y Sanz. Madrid: Gil-Blas.
- TERESA DE JESUS, Santa (1986). *Obras Completas*. Madrid: BAC.